

A dialética e o espelho: projeções francesas sobre a geografia e os modelos sociais norte-americanos nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier (1833-1836)

VALDIR DONIZETE DOS SANTOS JUNIOR¹

Esta apresentação tem por objetivo discutir como a geografia e os modelos sociais norte-americanos foram concebidos no relato de viagem *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836), do engenheiro francês Michel Chevalier (1806-1879). Personagem bastante complexo, Chevalier foi, durante sua juventude, um importante seguidor dos preceitos do chamado “socialismo utópico” de Claude Henri de Saint-Simon (1760-1825) e discípulo de um dos mais famosos saint-simonianos de sua época, Barthélemy-Proper Enfantin (1796-1864)². Converteu-se, ao longo de sua vida, em uma das figuras mais influentes da intelectualidade e da política francesa de então por meio de sua atuação como professor do Collège de France, membro do Institut de France e da Société de Géographie de Paris, senador e, finalmente, conselheiro próximo ao imperador Napoleão III, durante o Segundo Império Francês (1852-1870).

No início da década de 1830, após se formar em engenharia na École Polytechnique de Paris, escrever artigos em periódicos saint-simonianos e publicar *Système de la Méditerranée* (1832), um dos mais relevantes textos dessa corrente política, em que defendia a ligação de todo o litoral mediterrânico por meio de estradas de ferro sob a batuta francesa, Chevalier envolveu-se, em 1832, na tentativa de estabelecimento de uma comunidade utópica na cidade

¹ Doutorando em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

² Em linhas gerais, essa doutrina, iniciada por Saint-Simon e desenvolvida por seus seguidores na primeira metade do século XIX, pode ser apontada não somente como fiadora de princípios de um tipo de socialismo propriamente dito, mas, ironicamente, também de formulações ligadas à tecnocracia e à meritocracia. Resultado de um conjunto bastante complexo de ideias, essa vertente social defendida por tais pensadores tinha como eixos unificadores as concepções de divisão da sociedade entre setores produtivos e ociosos, em que estes últimos atuavam como parasitas e espoliadores dos demais, e a visão de que a indústria e o trabalho, de modo geral, devem se constituir como os elementos centrais da atividade humana (RUSS, 1991, p. 91). Essas ideias, mescladas a um discurso que flertava com uma espécie de misticismo e messianismo, encontraram não somente na figura de Enfantin, chamado por muitos de “*Le Père*” (“O Pai”), mas também de alguns de seus adeptos, um desdobramento ao mesmo tempo coerente e ambíguo. A Escola Politécnica, maior centro de formação de engenheiros de Paris, onde estudou Chevalier, se constituiu como local de difusão do saint-simonismo na França, especialmente em seu viés industrialista e tecnocrático (CALLOT, 2008, pp. 40-51). Os partidários dessa doutrina atuaram na defesa do desenvolvimento da indústria, dos meios de comunicação e de transporte não somente na França, mas também fora dela. Para além de sua participação na expansão do sistema ferroviário francês ao longo do século XIX, os saint-simonianos podem ser apontados entre os principais teóricos da construção de canais interoceânicos que promovessem o contato dos europeus com o Extremo Oriente (RUSS, 1991, pp. 193-195).

de Ménilmontant, sendo condenado por isso à prisão sob a alegação de praticar atentado contra a ordem pública (WILSON, 1986, pp. 98-99; CALLOT, 2008, pp. 195-202). Ao ser libertado, Chevalier, engenheiro especialista em minas, foi enviado, no contexto da chamada Monarquia de Julho (1830-1848), pelo então Ministro do Interior e de Obras Públicas do “reimburguês” Luís Felipe de Orleans, Aldolphe Thiers, em missão oficial aos Estados Unidos, onde permaneceu entre 1833 e 1835, com o objetivo de analisar o sistema de comunicações e as vias públicas naquele país. Na América, além de visitar cidades importantes da federação estadunidense³, esteve ainda, no primeiro semestre de 1834, no México e em Cuba. Como resultado dessa viagem, além de um vasto relatório publicado sobre as redes de transporte e circulação norte-americanas (CHEVALIER, 1840), escreveu uma série de “cartas” sobre os Estados Unidos, muitas delas publicadas em veículos de destaque do mundo letrado parisiense da época como a *Revue des Deux Mondes* e o *Journal des Débats*, posteriormente, reunidas em dois volumes, intitulados *Lettres sur l’Amérique du Nord* (1836).

O relato de viagem de Michel Chevalier destaca-se, em termos formais, por ser estruturado a partir do agrupamento de cartas temáticas, escritas presumivelmente entre novembro de 1833 e outubro de 1835, que podem ser lidas, a despeito de sua coerência quando tomadas em conjunto, de maneira independente umas das outras. Cada capítulo (ou *lettre*) de Chevalier se inicia com a indicação do local e da data em que, supostamente, foi escrito, tratando de temas caros ao autor e indicando algumas de suas premissas a respeito de temas políticos, econômicos, culturais e sociais não somente das sociedades do Novo Mundo, mas também permitindo análises sobre temas mais globais ou questões especificamente francesas. Alguns temas se sobressaem na análise do autor acerca da sociedade norte-americana: o papel dos bancos para o desenvolvimento econômico local, a importância dos meios de comunicação e transporte para a riqueza da federação, o caráter conquistador e expansionista da jovem nação rumo ao Oeste, o industrialismo e a religiosidade de sua população e, como seu contemporâneo e compatriota Alexis de Tocqueville (1805-1859), as venturas e desventuras de sua democracia, apenas para citar algumas das questões mais relevantes que emergem de sua escrita. Vale destacar ainda, sobre as *lettres* de Chevalier, que esse relato talvez seja mais mencionado na historiografia latino-americana e latino-

³ De acordo com suas cartas, Michel Chevalier esteve nas seguintes cidades norte-americanas, em algumas das quais mais de uma vez: Nova York (NY), Filadélfia (PA), Baltimore (MA), Richmond (VA), Washington D.C., Charleston (SC), Lowell (MA), Boston (MA), Elmington (VA), Pittsburg (IL), Louisville (KY), Memphis (TN), Natchez (MS), Nova Orleans (LA), Buffalo (NY), Lancaster (PA), Sunbury (PA), Johnstown (PA), Bedford-Springs (PA), Augusta (GA) e Albany (NY).

americanista por sua introdução que por seu desenvolvimento. Isso porque, em suas páginas introdutórias, é apresentada, possivelmente, pela primeira vez a ideia de uma divisão entre uma América “latina” e outra “anglo-saxônica”, temática recorrente desde então em discussões identitárias nos âmbitos da cultura e da política no continente⁴.

Expostas as balizas sobre as quais Chevalier construiu sua interpretação sobre os Estados Unidos, será analisada nesta apresentação, primeiramente, a maneira como o viajante francês elaborou uma concepção sobre a geografia e os modelos sociais norte-americanos a partir de uma visão dialética e, em um segundo momento, como, sobre essa formulação, o autor realizou uma projeção acerca do lugar de seu país, a França, não somente em suas relações com os Estados Unidos, mas também em um contexto global que parecia destinado a ser dominado pelos países anglo-saxões. Nesse sentido, é interessante notar como Chevalier “espelha” a posição de seu país no concerto mundial das nações no lugar ocupado por Nova York na federação norte-americana.

A dialética norte-americana

Os anos finais do século XVIII e, em grande medida, todo o século XIX, constituem-se como um momento da história global, e mais especificamente da história ocidental, marcado pela rapidez das transformações e pela velocidade das mudanças em termos econômicos, sociais, políticos e culturais. Marshall Berman (1986), em seu já clássico livro sobre a modernidade, classificou esse período, referindo-se a uma formulação de Karl Marx expressa no *Manifesto do Partido Comunista* (1848), como uma era em que “tudo que é sólido desmancha no ar”. A aceleração, sob o impacto da “dupla revolução” – a Revolução Francesa e a Revolução Industrial Inglesa – ocorrida na segunda metade do século XVIII (HOBSBAWM, 1977, p. 13), foi sentida não somente nos desdobramentos e nas práticas sociais, mas também na maneira como os homens passaram a perceber e conceber o mundo em que viviam. Em termos filosóficos e epistemológicos, a premissa dialética, definida sinteticamente como “o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de

⁴ Os dois textos fundamentais acerca da questão são PHELAN (1993) e ARDAO (1993). Entre os artigos que discutiram o tema, podem ser destacados ROJAS MIX (1986), FUNES (1996), QUIJADA (1998), ROMERO (1998), BRUIT (2003), DINIZ (2007), BRANDALISE (2008), BETHELL (2009), AILLÓN SORÍA (2009), FARRET & PINTO (2011) e TENORIO TRILLO (2012). Ver também os livros de ROUQUIÉ (1991), FERES JUNIOR (2005), ROLLAND (2005) e MIGNOLO (2007). Discuti algumas dessas questões, em SANTOS JUNIOR (2013).

compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (KONDER, 2004, p. 8), passou a frequentar a retórica intelectual da elite letrada ocidental: suas grandes expressões, nesse período, foram certamente Hegel e Marx (COLLINGWOOD, 1972, pp. 184-202).

De maneira bastante simplista, dada a complexidade da filosofia da história hegeliana, é possível afirmar a existência de um diálogo entre algumas das premissas dialéticas de Hegel e a teoria da história defendida ao longo das páginas das *Lettres*, de Michel Chevalier. Em linhas muito gerais, a interpretação de Hegel acerca do desenvolvimento histórico associava-o, em grande medida, a uma espécie de processo lógico em que uma dada realidade (tese) produz e passa a se defrontar com sua própria negação (antítese), gerando uma contradição e resultando, desse processo, em algo novo e diverso (síntese), que, ao mesmo tempo, destrói e conserva os elementos que possibilitaram sua existência (KONDER, 2004, pp. 24-27; COLLINGWOOD, 1972, pp. 189-191). Chevalier desenvolveu, em suas cartas sobre a América do Norte, uma teoria sobre a “história das civilizações”, essencialmente dialética nesse sentido.

Exaltando sempre a modernidade e a indústria, Chevalier associava, em determinados momentos de seu texto, essas duas ideias a uma visão dialética do “progresso das civilizações”. Na primeira carta de seu livro, escrita ainda em Londres, em fins de 1833, celebrava os sucessos da sociedade industrial e associava, de maneira curiosa, uma de suas mais proeminentes invenções, a pilha elétrica do italiano Alessandro Volta (1745-1827), à própria capacidade de desenvolvimento dos povos. Dizia ele:

Parmi toutes les acquisitions que, depuis la fin du siècle dernier, ont agrandi le domaine des sciences d'observation, nulle n'a ouvert un champ plus vaste que la conception de Volta sur le développement d'électricité par contact et sur son mouvement. Les phénomènes résultant de la communication des deux pôles de la pile voltaïque offrent aux savants une mine inépuisable à exploiter. Il n'y a pas dans la science de fait plus général, puisqu'il suffit que deux corps quelconques se touchent pour que, réagissant l'un sur l'autre, ils forment une pile plus ou moins active [...]. Ce fait physique, matériel, a un analogue évident dans l'ordre moral. Lorsque vous rapprochez deux hommes que jusque là avaient vécu éloignés l'un de l'autre, pour peu que ces hommes aient quelque qualité éminent, leur frottement produit inévitablement quelque étincelle. Si au lieu des deux hommes, les deux poles de votre pile sont des peuples, le résultat s'élargit dans la proportion d'un peuple à un homme. Si les deux peuples sont l'Angleterre et la France, c'est-à-dire les deux nations de l'univers les plus riches encore en lumières et en puissance, cette espèce de phénomène voltaïque prend une intensité prodigieuse. Il n'implique alors

rien moins peut-être que la salut d'une civilisation ancienne ou l'enfantement d'une nouvelle civilisation (CHEVALIER, 1836, vol. I, pp. 2-3).

Como se pode apreender da leitura da citação acima, a pilha voltaica funcionaria como uma espécie de metáfora da “dialética das civilizações”. Nela, os polos opostos se atrairiam, gerando energia e produzindo movimento e ação. Essa relação, válida, no texto do autor, para o invento de Volta, poderia ser aplicada também aos indivíduos e grupos sociais. Nesse sentido, o contato de dois povos diferentes, ou, em certa medida, opostos, resultaria no rejuvenescimento de sociedades em estado de convalescença ou no nascimento de novas “civilizações”. Mais que possível, a articulação entre duas nações ou formações sociais divergentes ou antagônicas era vista pelo viajante francês de maneira bastante positiva. Não somente quando se tratava de contatos entre a Inglaterra e a França, “as duas nações mais ricas do universo em luzes e poder”, conforme estabelecido no excerto acima, mas em diversas outras situações. De acordo ainda com as teses do engenheiro saint-simoniano, uma nação que se concebesse a partir do confronto e da coexistência de duas naturezas distintas poderia, desde que uma delas não exercesse uma predominância absoluta e violenta sobre a outra, ter uma existência mais dinâmica. Em outra metáfora bastante curiosa, Chevalier associava povos com uma única natureza à pessoa solteira e aqueles em que houvesse duas naturezas se defrontando a um casal. Segundo ele:

Ce n'est pas un mince avantage pour un peuple que d'avoir en soi deux types à physionomie caractérisée, lorsqu'ils s'harmonisent au sein d'une nationalité commune. Une nation dont tous les individus peuvent se rapporter à un type unique, est parmi les peuples ce qu'est le célibataire parmi les individus. C'est une sorte de solitaire; sa vie est monotone, Les plus vives et les plus donees facultés de la nature humaine sommeillent en lui. Il reste immobile; rien ne l'aiguillonne vers le progrès [...].

Un peuple à double type, lorsque aucun d'eux n'a sur l'autre une écrasante prédominance, jouit, au contraire, d'une existence complète; sa vie est un perpétuel échange de sensations et d'idées comme l'est celle d'un couple. Il a le don de la fécondité. Il se reproduit et se régénere lui-meme. Alternativement chacune des deux natures agit et se repose, sans qu'il soit jamais inactif. Tour à tour chacune acquiert la superiorité et subit celle de l'autre; ainsi, selon les circonstances diverses, il a la ressource de diverses vertus. Les deux natures s'appuient et se tiennent mutuellement en haleine; elles s'excitent l'une l'autre, et, grâce à cette émulation salutaire, le peuple qui les porte en son sein atteint de hautes destinées. (CHEVALIER, 1836, vol. I, pp. 176-177)

Para Chevalier, portanto, povos dotados de um único tipo ou caráter poderiam ser comparados, metaforicamente, aos solteiros que levariam, segundo essa interpretação, sua vida de maneira solitária, monótona e imóvel, marcada pela apatia e menos propensa ao progresso. Por outro lado, grupos sociais formados por dois tipos diversos poderiam ser associados a um casal, possuidor do “dom da fecundidade”, que se reproduziria e se regeneraria, que nunca permaneceria inativo e que, por essa razão, estaria reservado a “altos destinos”.

Para conferir validade a essas analogias, o viajante francês buscava no passado da humanidade elementos que pudessem comprovar suas teses. Nas palavras do autor: “L’histoire nous montre que le progrès de l’humanité s’est constamment accompli dans le passé par l’action et la réaction réciproques de deux natures ou de deux races quelquefois en harmonie, le plus souvent rivales et ennemies” (CHEVALIER, 1836, vol. I, p. 177). Nesse sentido, a relação e, mais precisamente, a luta entre o Ocidente e o Oriente, “le fait le plus general de l’histoire de la civilisation à laquelle nous appartenons” (CHEVALIER, 1836, vol. I, p. 177), seria paradigmática. Os conflitos envolvendo gregos e troianos, gregos e persas, romanos e cartagineses, romanos e bárbaros e cruzados e mouros, por exemplo, teriam servido, de acordo com essa argumentação, como combustível para o desenvolvimento da “civilização”. Nas palavras do autor: “les grands phénomènes de la vie du genre humain nous offrent le spectacle de deux natures régnant tour a tour l’une sur l’autre, brillant et s’éclipsant tour a tour, jusqu’à présent le plus souvent en guerre; s’harmonisant quelquefois, et s’animant toujours au contact l’une de l’autre”. (CHEVALIER, 1836, vol. I, p. 181).

Essa concepção de história estava presente também na análise elaborada por Chevalier a respeito da divisão geográfica e dos modelos sociais norte-americanos da época em que esteve nos Estados Unidos. Em uma das cartas do primeiro volume de suas *Lettres sur l’Amérique du Nord*, datada de maio de 1834, e situada na cidade de Charleston, na Carolina do Sul, essa questão era anunciada já no título “L’Yankee et le Virginien”. De acordo com o autor, o *Yankee* e o *Virginiano* se constituíam como os dois tipos mais característicos da sociedade norte-americana, sintetizando os elementos mais caros, respectivamente, aos Estados do Norte e do Sul, formando, em termos dialéticos, a tese e a antítese constituintes dos Estados Unidos da primeira metade do século XIX.

Como explicara o próprio Chevalier (1836, vol. I, p. 161) em nota no início da carta, *Yankee* era o termo pelo qual eram conhecidos os habitantes dos seis Estados da chamada

Nova Inglaterra (Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts, Rhode Island e Connecticut), no nordeste da federação. Utilizado, inicialmente, em tom de zombaria, a denominação fora adotada pelos próprios habitantes da região, podendo ser considerada, de acordo com o relato, popular já à época da viagem de Chevalier. Segundo o viajante francês, os *Yankees* haviam construído “repúblicas verdadeiramente democráticas”, especialmente por sua organização agrícola centrada na pequena propriedade, por não basearem sua produção econômica na mão-de-obra escrava e por constituírem, de acordo com o autor, uma vida social e política baseada na existência de uma “igualdade de fato” (CHEVALIER, 1836, vol. I, pp. 162-163). Na definição de Chevalier:

L'Yankée [...] est réservé, concentré, défiant; son humeur est pensive et sombre, mais uniforme; sa tenue est sans grâce, mais modeste et cependant sans bassesse; son abord est froid, souvent peu prévenant; ses idées sont étroites, mais pratiques; il a le sentiment de ce qui est convenable, il ne l'a pas de ce qui est grandiose. Il n'a pas le moindre brin de disposition chevaleresque, et pourtant il est aventureux; il se plaît dans la vie errante, Il a une imagination active qui enfante des conceptions originales, qu'on appelle ici des Yankee notions; ce n'est pas de la poésie, c'est de la bizarrerie. L'Yankee est la fourmi travailleuse; il est industrieux et sobre; il est économe [...]. (CHEVALIER, 1836, vol. I, pp. 169-170)

O *yankee* representado por Chevalier como industrial e econômico, associado à “formiga trabalhadora” da fábula de Esopo, mais prático que teórico e bastante frio no trato pessoal, constituía-se como o par oposto do outro tipo constituinte da nacionalidade norte-americana, o Virginiano. Ao contrário do cidadão da Nova Inglaterra, o Virginiano, protótipo do homem sulista, constituía “repúblicas aristocráticas”, escravistas e baseadas na grande propriedade, especialmente voltada para o cultivo do algodão. Os filhos da Virginia apresentavam, em contraste com os nortistas, caracteres de uma gentileza aristocrática, bem como da ausência da indústria própria do Norte:

Le Virginien de race pure est ouvert, cordial, expansif; il a de la courtoisie dans les manières, de la noblesse dans les sentiments, de la grandeur dans les idées: il est le digne descendant du gentleman anglais. Entouré dès l'enfance d'esclaves qui lui épargnent tout travail manuel, il est peu actif, il est même paresseux. Il est généreux et prodigue; autour de lui [...] regne la profusion. Quand la récolte de coton a été bonne et que les prix sont fermes, il appelle tous et chacun, sauf cependant ses esclaves des champs, a jouir de son opulence, sans beaucoup s'inquiéter de ce que sera la récolte prochaine. Pratiquer l'hospitalité est pour lui un devoir, un plaisir, un bonheur [...]. Il aime les institutions de son

pays, et cependant il montre avec satisfaction à l'étranger l'argenterie de famille, dont les armoiries, à demi effacées par le temps, attestent qu'il descend des premiers colons, et que ses ancêtres étaient gens de bonne maison en Angleterre [...]. Doué d'une tête ardente et d'un coeur chaleureux, il est du bois dont on fait les grands orateurs. Il s'entend mieux à commander aux hommes qu'à dompter la nature et à maîtriser le sol. Lorsqu'il possède une certaine dose d'esprit d'ordre et, je ne dirai pas de volonté (il en est bien pourvu), mais de cette persévérance active si commune parmi ses frères du Nord, il réunit tout ce qui est requis pour devenir un homme d'État supérieur (CHEVALIER, 1836, vol. I, pp. 167-169).

O Virginiano era definido, dessa maneira, como alguém mais disposto a comandar que a realizar trabalhos braçais, visto como aristocrático, opulento, menos afeito à indústria, mas, ao mesmo tempo, mais culto, caloroso e hospitaleiro que os seus “irmãos do norte”, podendo tornar-se, se dotado das características necessárias, grande homem de Estado. Comparativamente, de acordo com a interpretação de Chevalier, a despeito da aproximação que promove entre o Virginiano e o *gentleman* inglês, o Estado da Virginia, paradigma sulista, guardaria semelhanças com França do engenheiro saint-simoniano, enquanto, por outro lado, a Nova Inglaterra estaria mais ligada aos modos britânicos e à sociedade industrial que vinha sendo edificada na Inglaterra desde o século XVIII. Segundo Chevalier:

Les populations du Nord et celles du Midi diffèrent les unes des autres à bien des égards. On reconnaît, jusqu'à un certain point, entre les États du Nord et ceux du Midi les mêmes analogies et les mêmes contrastes qu'entre la France et l'Angleterre. Le Midi l'emporte, comme la France, par les qualités brillantes; le Nord, comme l'Angleterre, par les qualités solides. Les grandes idées viennent plutôt du Midi; la bonne exécution est plutôt le fait du Nord. Le Nord est doué de la persévérance anglaise, de cette persévérance gage et condition du succès. Le Midi est, comme nous, mobile et facile à décourager; tout ardeur au commencement d'une entreprise, et tout déconcerté quand un obstacle imprévu vient en arreter le cours. (CHEVALIER, 1836, vol. I, pp. 247-248)

Essa analogia exposta por Chevalier entre a França das ideias, do brilho e da ausência de iniciativa, por um lado, e a Inglaterra da prática e da perseverança, por outro, era ilustrada por uma nota de rodapé em que o autor descrevia uma conversa que tivera com um francês estabelecido na Virginia. Quando questionado pelo viajante sobre a preferência por viver no Sul, enquanto a maior parte das oportunidades de negócios estava no Norte, seu patrício havia respondido que sua decisão fora tomada, pois “os virginianos são os franceses da América” (CHEVALIER, 1836, vol. I, p. 247).

Chevalier constatava, já em meados da década de 1830, as rivalidades entre os projetos de país defendidos pelo Norte e pelo Sul. O viajante francês repercutiu, em seu relato, por exemplo, a chamada questão da “Nulificação”, em que o Estado da Carolina do Sul se rebelou, em 1832, contra tarifas alfandegárias protecionistas impostas pelo então presidente Andrew Jackson (1829-1837), gerando grande tensão entre os Estados e ameaçando os laços de unidade da república (GRANT, 2014, pp. 195-197). O engenheiro saint-simoniano vislumbrava nesse evento as sementes de uma possível divisão da federação norte-americana. Chevalier entendia, entretanto, que a força dos Estados Unidos vinha de seu conjunto e de sua união, e que se houvesse uma divisão radical de seu território, o país perderia muito de sua importância no cenário mundial. Nas palavras do autor: “L'union fait la force. L'Amerique du Nord, morcelée en lambeaux hostiles les uns aux autres, ne pèserait guère plus dans la balance du monde que les pauvres republicques de l'Amerique du Sud” (CHEVALIER, 1836, vol. I, p. 146).

Se o Norte e o Sul configuravam-se, nessa interpretação, como a tese e a antítese dialéticas da formação nacional norte-americana, Chevalier apontava para o surgimento de um terceiro tipo constituinte da federação que, nascido da expansão promovida por *Yankees* e *Virginianos*, atuaria como a síntese desses dois caracteres e estaria destinado a superá-los em poder e riquezas: o Oeste. Na “dialética das civilizações” proposta por Michel Chevalier, sociedades dinâmicas se constituiriam não somente quando formadas por dois tipos básicos e antagônicos, mas também seriam capazes de comportar, como resultado dessas interações, o advento de um terceiro elemento. Nas palavras do autor:

La dualité n'est cependant pas le seul mode suivant lequel une société puisse être constituée solidement et élastiquement tout à la fois. Lorsqu'un troisième type, dont la supériorité est admise des deux autres, ou qui partage assez de la nature de l'un et de l'autre pour leur servir de lien et d'intermédiaire, vient se poser entre eux, il en résulte une vigoureuse organisation sociale. Car alors l'harmonie entre les deux types primitifs a cessé d'être une abstraction; elle a pris chair et os, elle s'est nettement et puissamment personnifiée (CHEVALIER, 1836, vol. I, p. 182).

Na história norte-americana, esse novo elemento interposto entre o Norte e o Sul era certamente o Oeste. Na primeira metade da década 1830, os Estados Unidos já vivenciavam um processo de expansão em sua direção, havendo cruzado o limite dos Montes Apalaches e fincando sua presença nas margens do Rio Mississippi. Os dois mandatos de Andrew Jackson

como presidente da república, entre 1829 e 1837, acentuaram ainda mais esse processo, não somente por seu entusiasmo e ações políticas em relação à conquista de novos territórios, mas também por ser o primeiro chefe do poder executivo norte-americano a ter suas raízes fincadas no Oeste: nascido em uma “região de fronteira” na Carolina do Norte, estabelecera-se no novo Estado do Tennessee (JUNQUEIRA, 2001, p. 46). Os debates em torno da ocupação de novas terras para a federação estavam, portanto, à época da viagem de Chevalier, na ordem do dia.

Segundo o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, os americanos saídos do Leste estavam destinados a “former ce troisième type américain, celui de l'Ouest, type dont les contours sont confus encore comme son avenir, mais qui tous les jours dessine plus nettement ses formes athlétiques et ses prétentions ambitieuses, et qui semble destiné à dominer les deux autres” (CHEVALIER, 1836, vol. I, p. 167). Nesse processo, haveria certa preeminência do industrial *Yankee*, o qual atuaria, conforme Chevalier, como “arbitro dos usos e costumes” (CHEVALIER, 1836, vol. I, p. 175). Entretanto, se a União fosse capaz de superar suas dissensões internas e se manter federada, os caracteres virginianos alcançariam cada vez mais destaque no novo tipo que estava se constituindo no Oeste.

De maneira geral, Chevalier, bastante interessado na questão da circulação de pessoas e mercadorias por meio das vias de transporte, destacava a maneira como o Oeste vinha sendo tomado por barcos a vapor e estradas de ferro, cuja importância era ressaltada não somente por diminuir as distâncias e agilizar os percursos, mas também por possibilitarem ao “homem comum” condições para se locomover pelos diversos Estados da federação e participar de sua colonização. Além de comparar a importância da circulação dos *steamboats* para o Oeste à circulação de sangue para o corpo humano, Chevalier sublinhava os aspectos característicos desse novo homem que se formava nos territórios conquistados para além dos Montes Apalaches. Segundo ele:

C'est que dans l'Ouest il y a une égalité qui n'est pas de l'égalité pour rire, de l'égalité sur le papier. Tout homme qui a sur les épaules un habit médiocrement propre y est un gentleman; tout gentleman en vaut un autre, et ne suppose pas qu'il doive se gêner pour son égal. Il s'occupe de lui-même et nullement d'autrui; il n'attend aucun égard de son voisin, et ne soupçonne pas que celui-ci puisse désirer de lui la moindre attention. Dans cette rudesse, remarquez-le, il n'y a pas le plus léger brin de méchanceté ; il y a au contraire un naturel qui désarme. Cet homme de l'Ouest est rude, mais il n'est point hargneux. Il est susceptible, fier de lui-même, fier de son pays, il l'est à l'excès, mais il l'est sans

fatuité et sans affectation. Écartez l'enveloppe de vanité et d'égoïsme, et vous trouverez chez lui un bon fonds d'obligeance et même de générosité. Il est grand calculateur, et cependant il n'est point froid; il est capable d'enthousiasme. Il aime l'argent de passion, et il n'est point avare, il est souvent prodigue. Il est brusque et raide, parce qu'il n'a pas eu le temps d'adoucir sa voix et d'assouplir son geste. S'il est grossier, ce n'est pas qu'il se complaise dans la grossièreté; il aspire à devenir un homme de bonne compagnie, et voudrait déjà passer pour tel; mais il a dû beaucoup plus s'occuper de cultiver la terre que de se cultiver lui-même (CHEVALIER, 1836, vol. II, p. 17-18).

O homem do Oeste poderia ser definido, portanto, por seu caráter individualista, rude, áspero e orgulhoso, traços que se originariam menos de uma maldade congênita ou natural e mais como resultado de sua dedicação praticamente exclusiva ao trabalho: tinha tempo para cultivar a terra e não a si mesmo. Em tom profético, Chevalier via no Oeste o futuro da América do Norte, síntese da nação capaz de superar a tradicional divisão entre o Norte e o Sul. Em suas palavras:

Cette portion des États-Unis, qui n'était qu'une solitude quand fut déclarée l'Indépendance, et à laquelle personne ne songeait quand on établissait la capitale à Washington, va se trouver, au prochain recensement, la plus puissante des trois sections territoriales de l'Union. Dans peu, à elle seule, elle dépassera les deux autres; elle aura la majorité au Congrès; elle gouvernera le Nouveau-Monde. Déjà l'ancienne division, en Nord et Sud, semble près de n'être plus que secondaire. On dirait que la division principale doit être bientôt celle d'Est et Ouest. (CHEVALIER, 1836, vol. II, p. 27)

Se o *Yankee* e o *Virginiano*, representantes paradigmáticos respectivamente do Norte e do Sul dos Estados Unidos, podem ser considerados os dois elementos básicos da formação da nação, o Oeste, originário desses dois troncos, congregava em si os elementos do presente e, especialmente, a esperança do futuro norte-americano, conduzindo possivelmente a uma nova dialética nacional, dessa vez entre o Leste e o Oeste dos Estados Unidos.

O espelho norte-americano

A metáfora do espelho, embora fartamente utilizada, merece ser destacada no relato de viagem de Michel Chevalier sobre os Estados Unidos. Conforme a análise de autores como Richard Morse (1988) ou François Hartog (2014), em que essa analogia funciona como fio condutor de suas obras, pode-se dizer que, no momento em que é contemplada, a imagem especular, mesmo que invertida, tende a revelar vicissitudes próprias daquele que a contempla

(MORSE, 1988, p. 13). Constitui-se, nesse sentido, ao mesmo tempo, como o “espelho em negativo” que evidencia aspectos de si próprio a partir da observação do “outro” e como o “olho” daquele que tenta colocar ordem em seu próprio mundo (HARTOG, 2014, p. 41). Por meio dessa definição, é possível afirmar que os Estados Unidos – “anglo-saxões”, “republicanos”, “democráticos”, “protestantes”, “industriosos” e “práticos” – representavam, ao longo de todo o relato de Michel Chevalier, uma espécie de “espelho invertido” da “latina”, “monárquica”, “aristocrática”, “católica”, “indolente” e “filosófica” França.

Entretanto, para além desses antagonismos essenciais construídos ao longo do texto, Chevalier promovia algumas analogias bem menos óbvias no sentido de projetar aspectos relativos a questões de seu país no “espelho norte-americano”. Nesse sentido, era curioso notar como a França podia surgir de maneira bastante surpreendente nas discussões sobre a geografia e os modelos sociais existentes nos Estados Unidos. Em um primeiro momento, como já destacado acima, na tripartição Norte, Sul e Oeste, a pátria das Luzes era frequentemente associada ao modelo sulista, cuja matriz seria o homem virginiano. Entretanto, em uma curiosa *lettre*, intitulada “L’État-Empire” [O Estado Império], Chevalier promoveu uma inusitada associação entre seu país e o Estado de Nova York, “espelhando” o papel desse Estado no contexto da federação norte-americana no lugar que a França deveria ocupar no concerto das nações no século XIX.

De acordo com a análise de Michel Chevalier, o Oeste estaria destinado a ocupar o posto de “árbitro” das dissensões internas da federação e a configurar-se como o “laço” que deveria unir os dois tipos antagônicos basilares dos Estados Unidos, o *Yankee* e o Virginiano. Entretanto, enquanto esse processo de transformação do Oeste em “síntese” da nação não estivesse completamente estabelecido, a região norte-americana que cumpria o papel de “moderadora” das contradições nacionais eram os “Estados do Meio” ou do “Centro”, mais especificamente Nova York e Pensilvânia e, seus respectivos “satélites”, Nova Jérsei e Delaware. Destacava-se, nesse contexto, o Estado de Nova York, cujo protagonismo era ressaltado por Chevalier:

Il y a aux États-Unis deux types bien caractérisés, L’Yankée et le Virginien, dont jusqu’à présent le balancement a produit la vie de l’Union. Un troisième surgit dans l’Ouest, qui paraît devoir être l’arbitre et le lien des deux autres, s’il sait lui-même conserver son unité, ce qui ne sera pas très aisé, car l’Ouest compte des États à esclaves, et des États où l’esclavage est interdit. Provisoirement cette haute fonction de modérateur est remplie par la réunion des États connus sous le nom d’États du Milieu

ou du Centre, qui, géographiquement, forment l'intermédiaire entre les deux extrémités du littoral de la Confédération; ou plutôt elle appartient maintenant à l'Etat de New-York, qui est le plus important, non seulement des États du Milieu, mais de l'Union tout entière (CHEVALIER, 1836, vol. II, pp. 309-310).

Na concepção do viajante francês, para exercer esse papel de árbitro da federação, os Estados do Centro e, especialmente, Nova York deveriam congregar, ao mesmo tempo, a visão ampla dos sulistas, o apreço pelos detalhes dos nortistas e, sobretudo, o sentimento de unidade da federação. Dotado com o espírito de grandeza, de união e de centralização, Nova York poderia ser considerada, nas palavras de Chevalier, uma espécie de “Estado-Império”. Apesar de sua vizinhança com a Nova Inglaterra e do número de *Yankees* que viviam em seu território, esse Estado sabia mesclar, segundo ele, de maneira sábia a independência individual tão cara aos nortistas à ideia de unidade e centralização necessárias para a manutenção da nação, somando também a isso, por um lado, a força de expansão que dominava todos os Estados Unidos e, por outro, um princípio de coesão necessária para a permanência dos vínculos nacionais. Chevalier destacava, nesse sentido, no Estado, o estabelecimento de sistema de ensino centralizado, um sistema bancário organizado e investimentos na construção de canais fluviais e linhas férreas, mesclando a ação unificadora do setor público ao espírito de empresa individual, condições básicas para a edificação de Nova York como um “Estado-Império”.

Nova York seria, nesse sentido, um “espelho” para a França. Na concepção de Chevalier, um país como o seu em que a centralização política era vista como uma qualidade a ser mantida, deveria, a exemplo do “Estado-Império”, investir em setores estratégicos como a instrução pública, os bancos de fomento e as vias públicas para a circulação de pessoas e mercadorias. Nova York se constituiria, dessa maneira, como um exemplo a ser seguido pelos franceses sobre como promover um balanceamento entre a liberdade dos indivíduos e o poder do Estado. Conquistado esse equilíbrio, a França, apontada por Chevalier como o paradigma do mundo, poderia atuar, assim como uma espécie de “Estado-Império”, como o “árbitro” não de um país, mas das relações globais de maneira geral. Segundo o viajante, seu país seria o exemplo onde deveriam coexistir a autoridade do poder e a liberdade dos homens:

Je ne sais si je m'abuse, mais il me semble que l'exemple en cela doit venir de la France. Ce n'est pas elle qui me plus de trésors en caisse; ce n'est pas elle qui compte le plus de soldats sous ses drapeaux, le plus de bâtiments dans ses ports, le plus de canons dans ses forteresses; mais c'est elle qui a la

pensée la plus intelligente et le coeur le plus haut placé; c'est d'elle que le monde est habitué à recevoir le mot d'ordre. Londres, avec ses milliers de vaisseaux, pourrait être en feu, sans que l'univers non-britannique s'en émût autrement que comme d'une lamentable infortune arrivée à un étranger; une simple émeute dans Paris a son contre-coup au bout de l'univers [...]. C'est que la France est le coeur du monde. Les affaires de la France sont les affaires de tous; les intérêts qu'elle épouse ne sont pas ceux d'une ambition égoïste; ce sont ceux de la civilisation. Quand la France parle, on l'écoute, parce que les sentiments qu'elle exprime ne sont pas seulement les siens à elle, ce sont ceux du genre humain. Quand elle agit, on l'imite, parce qu'elle ne fait que ce que tous ont besoin de faire (CHEVALIER, 1836, vol. II, p. 333).

Parece interessante ressaltar que o percurso construído por Chevalier nesse capítulo específico pode ser considerado recorrente ao longo de todo o seu relato: a descrição e análise de uma característica específica dos Estados Unidos e a projeção, muitas vezes pouco óbvia, da questão para a situação particular da França no período. A afirmação da existência de modelos sociais diversos na federação norte-americana serviu para o autor ora para desenvolver suas ideias a respeito do “desenvolvimento das civilizações”, ora para defender um projeto político para o seu país e, por consequência, para o mundo. Nesse sentido, a interpretação dialética da história do mundo e o “espelhamento” da França em elementos específicos da história dos Estados Unidos constituem-se como estratégias narrativas fundamentais para se compreender as *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier.

Fontes

- CHEVALIER, M. *Religion Saint-Simonienne: Politique Industrielle/Système du Méditerranée*. Paris: Aux Bureaux du Globe, 1832.
- _____. *Lettres sur l'Amérique de Nord*. Paris : Libraire de Charles Gosselin et Cie., 1836, 2 vols.
- _____. *Histoire et description des voies de communication aux États-Unis et des travaux d'art que en dépendent*. Paris: Libraire de Chales Gosselin, 1841, 2 vols.

Bibliografia

- AILLÓN SORÍA, E. “La política cultural de Francia en la génesis y difusión del concepto *l'Amérique Latine*, 1860-1930”. In: GRANADOS GARCÍA, A. & MARICHAL, C. (orgs.). *Construcción de las identidades latino-americanas: ensayos de historia intelectual, siglos XIX y XX*. 2 ed. México: El Colegio de México, 2009.
- ARDAO, A. “Genesis de la idea y el nombre América Latina”. In: ARDAO, A. *América Latina y la latinidad*. México: UNAM, 1993.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BETHELL, L. “O Brasil e a ideia de ‘América Latina’ em perspectiva histórica”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, 2009, pp. 289-321.

- BRANDALISE, C. “Ideia e concepção de latinidade nas Américas: a disputa entre as nações”. In: ORO, A. P. (org.). *Latinidade da América Latina: enfoques socioantropológicos*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- BRUIT, H. H. “A invenção da América Latina”. *Revista do Mestrado de História*, Vassouras, n. 5, 2003, pp. 69-88.
- CALLOT, J.-P. “Les polytechniciens et l’aventure saint-simonienne”. *Bulletin de la Sabix*, n. 42, 2008, pp. 40-51.
- COLLINGWOOD, R. G. *A ideia de história*. Lisboa: Editorial Presença, 1972.
- DINIZ, D. C. B. “O conceito de América Latina: uma visão francesa”. *Caligrama*, Belo Horizonte, n. 12, 2007, pp. 129-148.
- FARRET, R. L. & PINTO, S. R. “América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia”. *Topoi*, vol. 12, n. 23, 2011, pp. 30-42.
- FERES JUNIOR, J. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc, 2005.
- FUNES, P. “Del Mundus Novus al Novomundismo: algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina”. In: DAYRELL, E. G. e IOKOI, Z. G. (org.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996.
- GRANT, S.-M. *História concisa dos Estados Unidos da América*. São Paulo: Edipro, 2014.
- HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.
- HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções, 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- JUNQUEIRA, M. A. *Estados Unidos: a consolidação da nação*. São Paulo: Contexto, 2001.
- KONDER, L. *O que é dialética*. 28 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MIGNOLO, W. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.
- MORSE, R. *O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PHELAN, J. L. “El origen de la idea de Latinoamérica (1965)”. In: ZEA, Leopoldo (org.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. Vol. I. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- QUIJADA, M. “Sobre el origen y difusión del nombre América Latina (o una variación heterodoxa en torno de la construcción social de la verdad)”. *Revista de Indias*, vol. LVIII, n. 214, 1998, pp. 595-616.
- ROJAS MIX, M. “Bilbao y el hallazgo de América Latina: unión continental, socialista y libertaria”. *Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, n. 46, 1986, pp. 35-47.
- ROLLAND, D. *A crise do modelo francês: a França e a América Latina – cultura, política e identidade*. Brasília: Editora da UnB, 2005.
- ROMERO, V. “Du nominal ‘latin’ pour l’Autre Amérique; notes sur la naissance et le sens du nom ‘Amérique Latine’ autour des années 1850”. *HSAL*, n. 7, 1998, pp. 57-86.
- ROUQUIÉ, A. *O Extremo-Ocidente: introdução à América Latina*. São Paulo: Edusp, 1991.
- RUSS, J. *O socialismo utópico*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SANTOS JUNIOR, V. D. dos. *A trama das ideias: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914)*. Dissertação de Mestrado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2013.
- TENORIO TRILLO, M. “América Latina: a ideia, mais uma vez”. *Intersecções*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 2, 2012, pp. 241-267.
- WILSON, E. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- YANG, J. H. *L’Orient de Saint-Simon et des saint-simoniens : une étude du discours (1825- 1840)*. Thèse (Doctorat d’Histoire). Paris : Université Paris VIII – Saint-Denis, 2012.